

FONTE : O Globo

DATA : 22 02 92

Floras

CLASS. : Amaz / Desmat

PG. : 18 146

Países amazônicos reavaliam desmatamentos

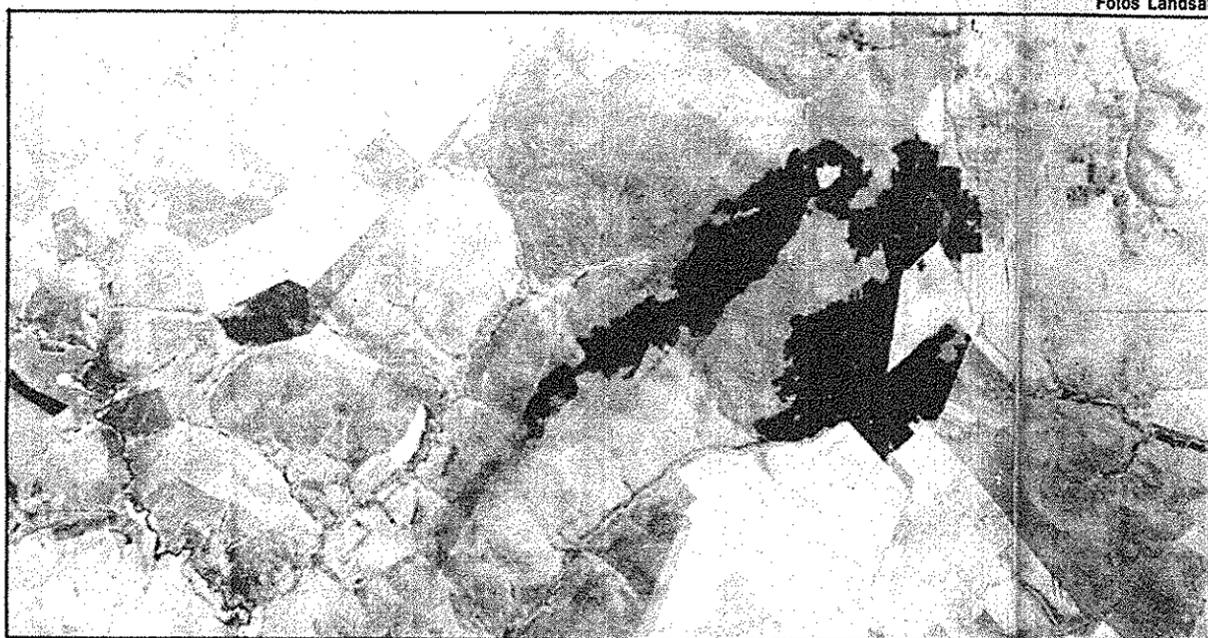
JOSÉ EUSTÁQUIO DE FREITAS

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS — Nove países sulamericanos estão preparando um relatório conjunto sobre o desmatamento da Floresta Amazônica em seus territórios, utilizando fotos obtidas pelo satélite americano Landsat. O levantamento, coordenado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), estará pronto em abril, custará US\$ 500 mil e será apresentado na primeira Conferência Mundial de Monitoramento de Florestas Tropicais, em maio, em São José dos Campos.

O documento final revelará as taxas de desmatamento em cada país e identificará as principais causas da devastação. O estudo servirá de base para um programa a ser elaborado pela ONU para investigar a derrubada de florestas tropicais em todo o mundo através de satélites.

Os pesquisadores do Inpe selecionaram 260 imagens que cobrem 93% da floresta Amazônica em 8 países e regiões onde haja vegetação de transição, como cerrados e savanas. A Amazônia brasileira é pesquisada à parte, como ocorre há dez anos. As fotos foram feitas em dois períodos: de 1984 a 1987 e 1988 a 1991.

O Projeto Panamazônia será desenvolvido por 30 pesquisadores da Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Suriname, Venezuela e das Guianas que fizeram cursos de especialização no Inpe nos últimos meses. Eles serão encarregados de montar a estrutura necessária para o emprego dos novos métodos e tecnologias. O objetivo será a posterior aplicação dessas técnicas no planejamento urbano, na preservação ambiental, no levantamento de safras e em outras pesquisas.



Na foto do satélite Landsat, a área escura revela os trechos da floresta amazônica afetados pelas queimadas



A zona quadriculada na foto mostra a expansão urbana em áreas anteriormente ocupadas pelamata no Suriname

Fotos Landsat

Análises contestam relatórios distorcidos

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SP — O pesquisador do Inpe Paulo Roberto Martini, gerente do Projeto Panamazônia, acredita que os levantamentos servirão, de imediato, para corrigir distorções e informações incompletas que algumas organizações estrangeiras difundiram nos últimos anos. Relatórios da FAO e da ONU, por exemplo, dizem que a Venezuela derruba todos os anos 1.500 quilômetros quadrados da floresta amazônica.

— Bastou uma observação rápida das fotos — disse Paulo Martini — para verificarmos que essa taxa é exagerada.

Na Amazônia brasileira, ao contrário, 300 mil quilômetros quadrados já foram devastados. Segundo o pesquisador, fora do Brasil o desmatamento não é

grande, porque nos outros países não houve políticas de incentivo à derrubada das matas e a grandes projetos agropecuários.

As primeiras fotografias analisadas mostraram padrões de ocupação semelhantes aos praticados no Brasil em vários pontos próximos à fronteira com Colômbia, Venezuela, Suriname, Peru e as Guianas. São rios açoreados ou de águas barrentas, clareiras na mata, pistas de pouso e estradas por onde garimpeiros brasileiros avançam até 40 quilômetros no território de países vizinhos.

O satélite Landsat registrou dados desse tipo há mais de dez anos, mas só agora eles estão causando atritos, principalmente nas fronteiras com Venezuela, Colômbia e Peru. (J.E.F.)

Levantamento vai precisar de 378 fotos

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SP — Para o levantamento da devastação na Amazônia são necessárias 222 imagens da parte brasileira, cobrindo 4,9 milhões de quilômetros quadrados, e 156 imagens dos outros oito países amazônicos, com 3,5 milhões de quilômetros quadrados. Segundo o pesquisador Paulo Martini, não existem dados confiáveis sobre o desmatamento fora do Brasil, único a fazer esse tipo de sondagem, desde 1975.

O Projeto Panamazônia mantém contatos desde maio de 1991 com técnicos de outros países interessados. Nesse período, foi preciso superar numerosas dificuldades políticas e econômicas. Disputas territoriais foram os principais problemas, especialmente nos países onde órgãos

militares são responsáveis pela política do uso da terra.

No Equador, por exemplo, as autoridades faziam questão de receber imagens sobre uma região do Peru longe da fronteira, conhecida como La Selvia, na bacia do Rio Napo — uma área de litígio que, em 1964, com a mediação do governo do Brasil, foi entregue ao Peru. O Equador não desistiu de retomar a região, que é rica em petróleo. Apesar dos argumentos, o Equador não recebeu as fotos que queria.

Cada país já recebeu fotos referentes aos dois períodos de estudo, com 360 imagens que custaram US\$ 100 mil. Em cada país os técnicos analisarão o material com tecnologia e metodologia obtida no Inpe. (J.E.F.)